

AS MARCAS DO SUJEITO NA LÍNGUA: ANÁLISE DA CATEGORIA DE PESSOA E NÃO-PESSOA EM TIRAS

Por Débora Facin¹

INTRODUÇÃO

Este texto teve como norte o estudo das marcas do sujeito na língua como fundamento à subjetividade. A relevância desse tema se justifica pelo fato de que a teoria da enunciação, postulada por Benveniste, em especial o recorte que atenta para a análise dos pronomes, permite uma investigação acerca da linguagem bem particular. Tal particularidade permite avaliar e entender a língua em funcionamento. É somente em um contexto enunciativo que há possibilidade de firmar o entendimento a respeito do “homem na língua”. A gramática tradicional, todavia, insiste em uma reflexão que considera os pronomes como se fosse uma classe unitária, sem cuidado algum sobre a noção de pessoalidade. Em virtude dessa problemática, o objetivo geral dessa breve análise consistiu em construir uma análise enunciativa em tiras de Chris Browne, mais especificamente sobre a categoria de pessoa e não-pessoa, de Benveniste, a fim de se compreender a língua em uso, sobretudo a representação da subjetividade no enunciado.

A teoria da enunciação postulada por Benveniste direciona os estudos sobre a linguagem a uma nova situação. Considerado o “pai da linguística da enunciação”, ele situa os estudos da linguagem sob uma perspectiva ímpar, no momento em que a subjetividade demarca seu espaço no campo enunciativo.

Desse modo, a linguagem compreende o lugar em que o indivíduo se constrói como sujeito – não como sujeito empírico, mas como sujeito da linguagem. Essa filosofia é traduzida na tese *A natureza dos pronomes*, publicada em 1956, na qual o autor atenta para as categorias de pessoa na chamada “instância de discurso”. Isso implica o próprio conceito de enunciação, o “colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização.”

¹ Mestranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF); Especialista em Linguística e Ensino pela Universidade Comunitária Regional de Chapecó (Unochapecó); Especialista em Produção e Revisão de Textos pela Unochapecó; Graduada em Letras pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) *Campus* de Joaçaba; deborafacin@hotmail.com

No artigo intitulado *Da subjetividade na linguagem*, Benveniste (2005c) mostra que a linguagem tão somente se concretiza a partir do momento em que o locutor se põe como sujeito; logo, a subjetividade se estabelece no conceito de *ego* – “*ego* quem diz *ego*”.

De acordo com a teoria benvenistiana, denomina-se pessoa apenas os participantes ativos de um ato de enunciação: *eu* e *tu*; o pronome *e/e* não é portador do *status* de “pessoa”. Entre *eu*, *tu* e *e/e*, as diferenças estão além de noções sintáticas ou morfológicas, uma vez que a abrangência de referenciação para a terceira pessoa é bem mais acentuada do que para *eu* e *tu*.

A fundamentação teórica desta pesquisa corresponde à teoria da enunciação de Benveniste (1946, 1956, 1958), em especial os artigos que contemplam o “homem na língua”, estes reunidos em *Problemas de Linguística Geral I* (2005).

Os procedimentos metodológicos adotados caracterizam este estudo como descritivo-qualitativo. O *corpus* de estudo compreende tiras do personagem Hagar; a escolha deste *corpus* se justifica pelo fato de a análise da categoria de pessoa e não-pessoa constituir uma perspectiva basilar de construção do sentido em um quadro enunciativo.

A pesquisa está organizada em três momentos: inicialmente, delimitamos os conceitos-base da enunciação de Benveniste, particularmente a teoria que compreende as marcas do sujeito na língua; após, apresentamos a metodologia, a qual consiste na trajetória efetivada para análise das tiras. Insistimos no estudo dos pronomes por estes revelarem a teoria da subjetividade de Benveniste, marco primordial para a compreensão do “homem na língua”. Por fim, apresentamos as considerações finais para demonstrar os resultados da análise das tiras em consonância com a proposta enunciativa benvenistiana.

PRESENÇA DAS PESSOAS NO DISCURSO: A REVELAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

A Teoria da Enunciação de Émile Benveniste fundamenta-se na presença do sujeito na língua. Não se trata aqui, pois, do sujeito empírico, mas de um sujeito que é demarcado linguisticamente, que é construído tão somente na chamada instância de discurso.

É com o tratado dos pronomes que a subjetividade ganha corpo, ocupando uma posição privilegiada na teoria benvenistiana. Nesse particular, Benveniste chama a atenção para a ideia ingênua da universalidade dos pronomes e torna notório o apelo da não unicidade dos pronomes.

A universalidade dessas formas e dessas noções faz pensar que o problema dos pronomes é ao mesmo tempo um problema de linguagem e um problema de línguas por ser, em primeiro lugar, um problema de linguagem. É como fato de linguagem que o apresentaremos aqui, para mostrar que os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos (BENVENISTE, 2005b, p. 277).

Para Benveniste (2005b), não há a possibilidade de insistirmos em uma teoria que engessa tal categoria em classes. A classe dos pronomes ditos pessoais tão longe comporta a noção de pessoa. A pessoalidade só é válida para *eu* e *tu*, os quais pertencem à instância discursiva e validam a doutrina de Benveniste, que é justamente o fato de a enunciação ser um ato inédito. Cada situação, sempre, consiste em um enunciado novo, pois, no momento em que o locutor (*eu*) implica um *tu* ele está marcado na língua. Essa trajetória de locutor a sujeito – do discurso – instiga-nos a refletir sobre a particularidade dos pronomes pessoais (*eu*, *tu*) e como essa perspectiva constitui por excelência a linguagem como condição para a comunicação humana.

Pensar na teoria da enunciação de Benveniste requer o reconhecimento da postura estruturalista de Saussure; afinal é inegável sua contribuição para a linguística no universo científico. Contudo, não podemos reduzir as pesquisas que contemplam a linguagem humana a uma dicotomia que considera que “a língua é classificável ente os fatos humanos, enquanto a linguagem não o é” (SAUSSURE, 2003, p. 23).

Benveniste, discípulo de Saussure, não nega o aspecto formal da língua, mas vai além do que o estruturalismo aborda. Metodologicamente Saussure refere-se à língua como objeto de estudo da linguística. Benveniste também parte da análise formal, mas compreende a língua como instrumento de comunicação, ou seja, “Saussure, procurando encontrar na língua razões para defini-la como objeto de estudo; Benveniste, contrastando com a Linguística centrada na forma, traz de volta o sentido e, através de uma metodologia de análise da forma, estabelece um novo domínio: o do discurso (NORMAND, 2009, p. 15). Benveniste concorda com Saussure ao definir

que a língua é um sistema de signos; contudo é no funcionamento da língua que o signo passa a existir.

Com a categoria de pessoa e não-pessoa há as categorias de espaço (aqui) e tempo (agora), as quais delimitam a instância contemporânea de discurso que contém *eu* (BENVENISTE, 2005b, p. 279). Trata-se do momento atual e espaço correspondentes à enunciação, cada vez única, “porque a enunciação é o lugar de instauração do sujeito e este é o ponto de referência das relações espaço-temporais, ela é o lugar do *ego, hic et nunc*.” (FIORIN, 2010, p. 42). Para este estudo não analisaremos as categorias de espaço e tempo. Ainda que constituam, com os indicadores de pessoa (*eu, tu*), o fundamento que norteia a subjetividade, este ensaio limitar-se-á à condição primeira da proposta de Benveniste: as marcas do *eu, tu* e da não-pessoa, *e/e*.

Fiorin (2010, p. 41) revela que “a categoria de pessoa é essencial para que a linguagem se torne discurso. Assim, o *eu* não se refere nem a um indivíduo nem a um conceito, ele refere-se a algo exclusivamente linguístico [...]”

Benveniste, em *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1966), mostra o problema do conceito de pessoalidade: “a forma dita terceira pessoa comporta realmente uma indicação de enunciado sobre alguém ou alguma coisa, mas não referida a uma pessoa específica” (BENVENISTE, 2005, p. 250). Há características em comum para os pronomes *eu* e *tu*, todavia, isso não acontece para o pronome *e/e*, que é considerado não-pessoa e faz referência a uma infinidade de sujeitos ou a nenhum.

Em relação à não-pessoa, precisamos situar também o processo que ocorre em *nós* e *vós*. Segundo a teoria da enunciação de Benveniste, o *nós* não condiz com o plural de *eu*, nem o *vós* consiste em um plural de *tu*. O que acontece é a união de um *eu* com um *não-eu*.

Tanto o uso de *nós* se amplifica em uma pessoa mais solene, com maior autoridade no *nós majestático*, quanto se amplifica em uma pessoa mais difusa, com contornos indefinidos no *nós de orador ou de autor*. A mesma análise é feita para *vós*, tanto no uso coletivo quanto no uso de polidez a passagem do *tu* ao *vós* exprime pessoa generalizada (FLORES et al., 2008, p. 79, grifo do autor).

Quanto à definição dos pronomes pessoais (*eu, tu, e/e*), a gramática tradicional insiste em tê-los como equivalentes. Todavia, a noção de pessoa não está para todos. Na enunciação, torna-

se fundamental um olhar particular acerca das características de cada pessoa: o *eu*, o ser subjetivo, que instaura um *tu*, este não-subjetivo; ambos em oposição a *ele*, que não corresponde à marca de pessoa.

É consoante esses pressupostos que delimitaremos, na próxima seção, a metodologia que conduziu este estudo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tem caráter descritivo e abordagem qualitativa. O *corpus* do estudo compreende tiras do personagem Hagar, de Chris Browne; a escolha deste *corpus* se justifica pelo fato de buscarmos compreender como o sentido é delineado a partir de uma análise em um quadro enunciativo formado, de um lado, por pessoas (*eu/tu*) e, por outro, por não-pessoa (*ele*).

Acreditamos que uma análise pautada na categoria de pessoa e não-pessoa mostra questões essenciais que elucidam como o discurso humorístico se constrói; afinal, o humor sempre se revela em uma relação entre sujeitos. A ironia, o sarcasmo, por exemplo, sempre estão direcionados ao outro.

Procuramos, mediante os indicadores de pessoa e não-pessoa, construir subsídios que comportassem como referência o ato discursivo, uma vez que “o essencial é, portanto, a relação entre o indicador (neste caso, as pessoas) e a presente instância de discurso.” (BENVENISTE, 2005b, p. 280).

Compreendemos, desse modo, que os textos de humor, particularmente as tiras do personagem Hagar, proporcionam um estudo enunciativo caloroso à medida que esse gênero exibe um domínio linguístico bastante complexo. A enunciação avaliada sob o aspecto da categoria de pessoa e não-pessoa constitui uma realidade profícua de identificar o efeito do humor.

Com o propósito de melhor delimitar a análise das tiras, organizamos este ensaio a partir dos seguintes procedimentos metodológicos:

- a) primeiramente, elaboramos uma prévia teórica sobre os pronomes pessoais para situar a análise sob a perspectiva epistemológica que norteia a enunciação de Benveniste, em particular destacar que os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para a revelação da subjetividade;
- b) em um segundo momento, identificamos as evidências linguísticas caracterizadas pelas marcas de pessoa e não-pessoa nas tiras que denunciam como a relação entre as pessoas e a não-pessoa se estabelece no contexto humorístico, ou seja, como o humor sempre se dá em detrimento da não-pessoa;
- c) por último, analisaremos como se constrói no *corpus* a experiência pelo contraste, a fim de mostrar como o *status* de pessoa se consolida tão somente pela manifestação de um *eu* em relação a um *tu*.

ANÁLISE ENUNCIATIVA DE TIRAS

Nesta seção faremos uma análise das tiras do personagem Hagar, de Chris Browne, considerando os procedimentos delimitados na metodologia.



Figura 1: Tira Hagar, de Chris Browne
Fonte: Jornal Zero Hora (2011).

Os pronomes ocupam um lugar fundamental no contexto da subjetividade. Consoante a natureza dos pronomes, vista preteritamente neste ensaio, eles são característicos às instâncias do discurso, ou seja, “os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em

palavra por um locutor” (BENVENISTE, 2005b, p. 277). Dessa forma, é necessário elucidar o que abrange o conceito de pessoa.

Nesta tira há, no primeiro quadrinho, a presença de um *eu*, nas falas de Hagar – “Você parece tristonho” e “Lembre-se: ‘Ria, e o mundo rirá com você! Chore, e chorará sozinho!’” e um *tu*, representado pela imagem do personagem Eddie.

O fenômeno que perpassa nesse enunciado é interessante em virtude da manifestação de um possível desacordo; existe um conflito entre a enunciação e o enunciado. Fiorin (2010, p. 39) atenta para esse fato de que “o enunciador pode, em função de suas estratégias para fazer crer, construir discursos em que haja um desacordo entre essas duas instâncias [enunciado e enunciação].” O que ocorre, na verdade, é um “[...] estranhamento com a finalidade de chamar a atenção do enunciatário para sua mensagem.” (FIORIN, 2010, p. 40).

Uma vez que se trata de texto de humor, o discurso inusitado se constrói mediante uma relação intersubjetiva entre *eu* (Hagar) e *tu* (Eddie). A revelação da subjetividade, sobretudo do contraste entre as pessoas, seja em nível linguístico, seja em nível contextual – o protagonista Hagar e o ingênuo Eddie – é marcante.

Nos primeiros dois quadrinhos a manifestação do *eu* é que prevalece, porém só acontece em razão do *tu*, o que confere o *status* de pessoa. É interessante como se define esse *status* na tira em uma relação de contraste, obviamente, linguístico e de oposição entre os personagens. A partir das marcas de pessoas podemos constatar que não necessariamente o diálogo tenha de ser recíproco, uma vez que “a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade” (BENVENISTE, 2005d, p. 26). É justamente a quebra dessa reciprocidade que causa o efeito de humor na tira, no momento em que Eddie não corresponde ao pedido de Hagar; na verdade, atende – e isso está presente na fala do último quadrinho “Tá...” –, todavia de maneira inusitada.



Figura 2: Tira Hagar, de Chris Browne
Fonte: Jornal Zero Hora (2011).

Nesta tira, o enunciado constitui a presença de um *eu* (Hagar), um *tu* (Eddie) e um *e/e* (a não-pessoa) o qual se trata apenas de alguém de quem se fala, mas não corresponde à mesma instância de *eu* e *tu*. Considerando-se a natureza dos pronomes, de Benveniste, de que *eu* e *tu* equivalem à noção de pessoa e *e/e* compreende a uma infinidade de sujeitos ou a nenhum, podemos analisar o humor justamente mediante essa diferença de pessoa e não-pessoa. O humor sempre se constrói em relação ao outro; o sarcasmo, o deboche, a ironia sempre estão direcionados em relação ao outro, neste caso, a ele: a não-pessoa. Esta, segundo Benveniste (2005c, p. 292), “não remete a nenhuma pessoa, porque se refere a um objeto colocado fora da alocação [...] A forma *e/e* tira o seu valor do fato de que faz necessariamente parte de um discurso enunciado por *eu*.”

O ele é inferiorizado tanto no sistema da língua (ele não é pronome, não é ninguém) quanto no enunciado. Além de demarcar o afastamento da instância do discurso, a teoria da enunciação - natureza dos pronomes - é fundamental para a evidência do sarcasmo, da ironia, do humor. O “homem acabado”, presente na tira, “só se caracteriza por oposição à pessoa *eu* do locutor que, enunciando-a, a situa como ‘não-pessoa’” (BENVENISTE, 2005c, p. 292). Ele é “um homem acabado” por dois motivos: por ser *e/e*, uma não-pessoa, e por trocar um barco grande por um menor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entendimento do conceito de subjetividade e a verificação das marcas do sujeito na língua foram essenciais para analisar a construção do sentido em textos de humor. O objetivo de construir uma análise enunciativa em tiras de Chris Browne, mais especificamente sobre a categoria de pessoa e não-pessoa, de Benveniste, a fim de se compreender a língua em uso, sobretudo a representação da subjetividade, consolidou-se no momento em que percebemos o que confere o *status* de pessoa. É mediante essa percepção que podemos falar em enunciação como o “colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82).

Este estudo teve como aporte teórico os artigos de Benveniste (1946, 1956, 1958), em especial os que contemplam o “homem na língua”, reunidos em *Problemas de Linguística Geral I* (2005). Também, utilizamos alguns leitores de Benveniste, como Fiorin (2010) e Flores et al. (2009, 2010), a fim de melhor construir os procedimentos metodológicos, bem como a análise do *corpus*.

A partir da análise das tiras de Chris Browne, concluímos que um estudo linguístico voltado à teoria da enunciação, neste caso a de Benveniste, propicia condições suficientes para que possamos reconhecer os vínculos que as pessoas constroem no discurso, seja em uma perspectiva dialógica, seja de estranhamento. É justamente sob esse prisma que podemos entender o exercício da língua.

Com os conceitos-chave da enunciação benvenistiana, percebemos as marcas de pessoa e não-pessoa nas tiras e como isso se estabelece no cenário humorístico. O *status* de pessoa consolida-se pela manifestação de um *eu* em relação a um *tu*, mas isso não ocorre com a terceira pessoa. Na verdade, a terceira pessoa, presente na segunda tira, é excluída da instância discursiva, quer linguisticamente, por ser uma não-pessoa; quer pelo fato da troca do barco. Se *ele* não é considerado pessoa, não pertence à instância de discurso, logo será “um homem acabado”.

Ainda que breve, o recorte teórico feito neste ensaio possibilitou avaliar a linguagem em uma instância discursiva bem particular. Isso se justifica em virtude de que pensarmos o sujeito

como categoria linguística e investigarmos suas marcas no sistema da língua implicam interpretar o mundo sempre de maneira atualizada, uma vez que a enunciação é sempre única. Por meio da análise do *corpus*, compreendemos como acontece a oposição entre as pessoas (*eu, tu*) e a não-pessoa (*ele*) e a representatividade dessa categoria como fundamento primeiro da subjetividade. Ao contrário do que a gramática tradicional prescreve, qualquer comunicação somente se concretiza entre sujeitos – do discurso. É inviável pensarmos os pronomes como uma classe unitária, desconsiderando a noção de pessoalidade. Logo, este ensaio pode contribuir a pesquisas futuras que visem a direcionar os estudos linguísticos a um olhar enunciativo e conceber a língua como instrumento de comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENVENISTE, Émile (1946). Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 2005a.
- BENVENISTE, Émile (1956). A natureza dos pronomes. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 2005b.
- BENVENISTE, Émile (1958). Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 2005c.
- BENVENISTE, Émile (1963). Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 2005d.
- BENVENISTE, Émile (1970). O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2010.
- FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges; FINATTO, Maria José Bocorny; TEIXEIRA, Marlene. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- FLORES, Valdir do Nascimento; SILVA, Silvana; LICHTENBERG, Sônia; WEIGERT, Thaís. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Linguística da Enunciação*: São Paulo: Contexto, 2008.
- JORNAL ZERO HORA. Porto Alegre, 2011.
- NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

Recebido em janeiro de 2012.

Aceito em abril de 2012.